

Ricardo Vieira
José Carlos Marques
Pedro Silva
Ana Maria Vieira
Cristóvão Margarido
(Orgs.)

**MIGRAÇÕES, MINORIAS
ÉTNICAS, POLÍTICAS SOCIAIS
E (TRANS)FORMAÇÕES.**

**Mediação Intercultural
e Intervenção Social**

Título: Migrações, Minorias Étnicas, Políticas Sociais e (Trans)Formações.
Mediação Intercultural e Intervenção Social

Organizadores: Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Maria Vieira e Cristóvão Margarido

© 2020, Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Maria Vieira, Cristóvão Margarido e Edições Afrontamento

Capa: Edições Afrontamento / Departamento gráfico

Edição: Edições Afrontamento, Lda

Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt / comercial@edicoesafrontamento.pt

ISBN: 978-972-36-__

Colecção: Textos/ __

Depósito legal: __

N.º edição: __

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
Comercial@companhiadasartes.pt

Novembro de 2020

Este livro foi objeto de avaliação científica

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.



Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais
CICS.NOVA.IPLLeiria



**POLITÉCNICO
DE LEIRIA**
ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Índice

Introdução	7
<i>Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Maria Vieira e Cristóvão Margarido</i>	
Capítulo 1	
Imigração portuguesa, políticas sociais e mediação intercultural	15
<i>José Carlos Marques, Ana Maria Vieira e Ricardo Vieira</i>	
Capítulo 2 – Da investigação à intervenção com ciganos e da empatia com uma comunidade	33
<i>Abílio Amiguinho</i>	
Capítulo 3 – «Era uma vez... ou sou do tempo em que...».....	45
<i>Mirna Montenegro</i>	
Capítulo 4 – Portugueses ciganos: exclusão social ou não-integração?	49
<i>Maria José Casa-Nova</i>	
Capítulo 5 – A mediação com as comunidades ciganas.....	71
<i>Bruno Gonçalves</i>	
Capítulo 6 – Dos projetos de mediação e intervenção comunitária à articulação com o ensino superior	77
<i>Cristóvão Margarido</i>	
Capítulo 7 – Da coexistência à convivência em Madrid: os casos de Tetuán e Lavapiés	89
<i>José Carlos Machado e Ricardo Vieira</i>	

Capítulo 8 – Experiências e Projetos de Mediação Intercultural e Intervenção Social – o caso da InPulsar	111
<i>Lisete Cordeiro</i>	
Capítulo 9 – Uma etnobiografia docente emancipacionista: mediação intercultural e relações étnico-raciais num contexto formacional	125
<i>Sílvia Michele Macedo de Sá</i>	
Sobre os autores	143
Sobre os organizadores	147

CAPÍTULO 7

DA COEXISTÊNCIA À CONVIVÊNCIA EM MADRID: OS CASOS DE TETUÁN E LAVAPIÉS

José Machado
Ricardo Vieira

1. O PROBLEMA

O presente texto, construído a partir duma investigação realizada para o Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, no Instituto Politécnico de Leiria, sob a orientação do doutor Ricardo Vieira, constitui-se, além de um estudo de natureza compreensiva e interpretativa, como uma viagem do seu principal autor que, ao descrevê-la e ao pretender perceber as transformações existentes num território, acabou por transformar-se a si próprio, também a partir do momento em que mudou de residência e inclusive de país para a realizar. Foram escolhidos dois bairros multiculturais de Madrid para realizar uma investigação de cariz etnográfico através do acompanhamento das atividades de duas instituições de mediação comunitária que operam no terreno no Distrito de Tetuán e no bairro de Lavapiés, concretamente La Rueca e Culturas Unidas. A base do trabalho prende-se com o objetivo de compreender a coexistência de diferentes culturas num mesmo espaço e perceber em que medida a partir dela se gera convivência social. Além disso, os fenómenos migratórios que em diferentes épocas chegaram a Madrid contribuíram para uma reconfiguração identitária da cidade, de quem nela vivia e quem a ela chegou, entretanto. Essas identidades em constante mudança levam simultaneamente a que se constituam novas formas de cidadania num mundo em que a palavra Estado-Nação vai, paulatinamente, perdendo o seu caráter uniforme e homogéneo ganhando um novo formato que se pauta pela diversidade e heterogeneidade.

2. SOBRE MADRID

As cidades são lugares que normalmente oferecem uma vasta gama de escolhas no que diz respeito à cultura, gastronomia, atividades diversas, estruturas de edifícios diferentes. Deste modo, caracterizam-se, acima de tudo, pela heterogeneidade cultural. A dimensão dessa heterogeneidade tem vindo a crescer com os novos fluxos migratórios que vão atravessando o mundo. Em 2015, segundo dados do Departamento de Assuntos Económicos e Sociais da ONU (DESA), havia no mundo um total de 244 milhões de migrantes internacionais, tendo havido desde 2000 um aumento de 41%. Com esta mudança transformam-se também as identidades culturais, sociais e pessoais (Vieira, 2009). As novas vagas migratórias continuam a «agitar a política, a testar a tolerância e o respeito e a alterar as identidades culturais» (National Geographic Portugal, outubro 2016).

Pretendemos investigar e compreender se estas mudanças identitárias nos levarão a um caminho em que se possa construir uma identidade intercultural, em que da coexistência se passe à convivência entre culturas (Touraine, 1998; Jares, 2007; Peres, 1999; Vieira, 2014), em que se perceba a diversidade do mundo como modo de vida. Se nas nossas casas possuímos produtos provenientes de uma multiplicidade de países, abrindo-se porta à livre circulação de mercadorias, até que ponto é que caminhamos para a livre circulação de pessoas? E, se ela for real, em que medida é que a ocupação comum de um determinado território leva à criação ou não de laços sociais entre diferentes?

Madrid foi a cidade escolhida essencialmente por ser uma grande cidade e porque importava sair da zona de conforto para, neste caso na maior cidade da Península Ibérica, desenvolver um estudo a partir do eu como sujeito das reconfigurações identitárias (Lahire, 2004; Vieira, 2009, 2014). No fundo, que mudanças vai sofrendo também o investigador, no decorrer da sua investigação, à medida que se vai integrando numa nova sociedade? Em Madrid respiram-se outras culturas sem que, em algumas partes da cidade, ao nível das vivências nas ruas, se sinta que os nativos da cidade tenham ali muita presença, sendo claras as reconfigurações identitárias. De acordo com Jares (2007), «conviver é viver com os outros», mas até que ponto a coabitação leva à criação efetiva de espaços de convivência?

Assim, numa primeira instância, centrámo-nos no bairro de Lavapiés, no Distrito Centro⁵³, onde há uma maior quantidade de imigrantes (21,29% de imi-

⁽⁵³⁾ Madrid, à semelhança das cidades espanholas, possui como configuração geográfica e administrativa distritos e bairros que estão dentro dos distritos.

grantes em todo o Distrito, de acordo com dados de 2016 do Observatório de Inmigración de Madrid). Pelo facto de haver ali uma grande quantidade de migrantes e experiências promovidas pelos mesmos ou a eles direcionadas e por, de acordo com alguns residentes no bairro, o paradigma do mesmo estar lentamente a mudar (é atualmente um bairro na moda em Madrid, o que leva à subida dos preços de arrendamento das casas, afastando lentamente a imigração do local, pelo menos a existente atualmente), decidimos estudar igualmente uma área em que predomina também a imigração, no caso o Distrito de Tetuán, com um total de 17,34% (Observatório de Inmigración de Madrid, 2016), sendo o terceiro Distrito com mais imigração na cidade. A escolha prende-se com o contacto com uma das instituições que trabalha no local – La Rueca⁵⁴, que atua em vários locais da cidade, mas ali tem a sua *Oficina Municipal de Información y Orientación para la Integración Social de Población Inmigrante*⁵⁵. A configuração do próprio Distrito, uma antiga periferia que se transformou paulatinamente em centro da cidade a partir do momento em que esta se foi alargando face à forte densidade populacional concentrada em determinados locais (Burgos, 2015) e o facto de, por tradição, ter sido ao longo dos tempos um local em que habitavam sobretudo migrantes internos, juntando-se depois migrantes internacionais, sobretudo das Filipinas, Paraguai e República Dominicana (Diagnóstico de Bellas Vistas, 2016, p. 9), revelou-se-nos como um bom objeto de estudo, congregando, assim, vários tipos de migrantes.

Os objetivos de La Rueca passam pelo favorecimento de ações ou processos orientados para a promoção do encontro intercultural, alavancando situações de coexistência entre grupos para uma convivência entre cidadãos (Touraine, 1998; Jares, 2007), realizando ações de mediação comunitária (Giménez, 2001; Vieira, Marques, Silva, Vieira e Margarido, 2018), promovendo um conhecimento partilhado da realidade do bairro para detetar necessidades comuns, buscando soluções comunitárias e construindo sinergias entre os agentes da comunidade, tais como vizinhos, recursos sociais ou administração.⁵⁶

Paralelamente, no referido bairro de Lavapiés, entrámos em contacto com uma das organizações ali existentes, denominada Culturas Unidas, atraídos, numa primeira instância, pelo nome da mesma. Fomos, ao longo dos meses, também acompanhando o seu trabalho, com destaque para as atividades inte-

(54) Instituição que trabalha com imigrantes residentes em Madrid, possuindo diversas valências. Para conhecimento da organização consultar www.larueca.info.

(55) Parte integrante de La Rueca.

(56) Missão central de La Rueca. Para melhor compreender a missão desta organização, consultar www.larueca.info/quienes-somos/

riores e exteriores dirigidas a imigrantes, como o trabalho com crianças e jovens (atividades ao ar livre e dinâmicas dentro da organização) e também as realizadas com adultos, nomeadamente as aulas de espanhol ou as feiras de artesanato. Em Culturas Unidas, a noção de empoderamento está muito presente, pautando-se a sua ação pela procura de mecanismos de integração social das pessoas que a frequentam. Destaca-se aqui o facto de grande parte das ações serem promovidas por voluntários, sendo a grande maioria deles imigrantes.

Apresentadas as ONG⁵⁷ La Rueca e Culturas Unidas e sua missão, pretendemos, através de um trabalho de campo de natureza etnográfica, perceber e avaliar a eficácia deste trabalho social junto das populações do Distrito de Tetuán e do bairro de Lavapiés, pretendendo-se perceber em que medida é que a coexistência entre diversas culturas nos dois locais leva, ou não, a uma convivência entre estas (Touraine, 1998; Jares, 2007; Peres, 1999), passando-se então de uma multiculturalidade para uma interculturalidade (Touraine, 1998; Vieira, 1999; Vieira, 2011; Vieira, Marques, Silva, Vieira e Margarido, 2017) e como é que o trabalho efetuado por La Rueca e Culturas Unidas potencia essa (trans) formação (Vieira, A. e Vieira, R., 2016).

A ideia base subjacente é que, para vivermos juntos, as identidades têm que se metamorfosear; têm de ser identidades assumidas em gerúndio (Vieira, 2009) e em transformação. Não se pode falar em mediação intercultural com base em identidades clássicas de cariz fossilizado (idem).

Finalmente, pretende-se, através de um trabalho de campo de natureza etnográfica, perceber e avaliar a eficácia da intervenção social realizada pelas duas ONG estudadas junto das populações das comunidades a estudar, tentando responder à seguinte questão:

Em que medida a intervenção social realizada promove transformações da coexistência social em convivência intercultural em bairros urbanos heterogéneos?

Este texto pretende apresentar as principais conclusões dum estudo maior com recolha de dados no período entre janeiro e setembro de 2018.

⁽⁵⁷⁾ Organização Não Governamental.

3. INTERVENÇÃO EM LA RUECA E CULTURAS UNIDAS

La Rueca

No que diz respeito a La Rueca, o acompanhamento do trabalho da organização levou-nos a, paulatinamente, ir delimitando o que se queria estudar, uma vez que o Distrito em si tem mais de 150 mil pessoas, incomportável para qualquer estudo de natureza qualitativa, adequando essa especificidade às atividades de La Rueca, formando assim a base de que decidimos estudar a atuação de La Rueca junto do seu público.

Tendo presente que pretendíamos ter em conta a gestão da forte multiculturalidade na cidade de Madrid e, mais concretamente, dentro dela, o Distrito de Tetuán, foi necessário chegar ao terreno para determinar com mais exatidão o que pretendia analisar tendo em conta que num estudo de natureza compreensiva e interpretativa não poderia analisar toda a população que ali residia ou frequentava o bairro com alguma missão. Esse processo permitiu-nos conhecer as esferas de atuação de La Rueca ao nível da mediação intercultural, surgindo como entidade interventora em áreas como a atenção ao público imigrante (especialmente jurídica, no que diz respeito à aquisição de direitos dentro do Estado espanhol para imigrantes, do apoio na organização burocrática das múltiplas formas de acesso aos direitos por parte desta população, nomeadamente ao nível do emprego, acesso à saúde e nacionalidade), o ministrar de workshops coletivos, o ensino do idioma espanhol, além de funcionar como membro de uma rede de instituições que operam ao nível do emprego, da dinamização cultural do Distrito e do apelo à participação e sentido de pertença dos cidadãos do mesmo em relação ao local onde habitam, ajudando a que se sintam parte do mesmo. Destacamos as seguintes ações participadas, nas quais La Rueca teve um papel organizador ou parceiro:

Fórum local

Construção de ferramentas para que os cidadãos residentes no Distrito se conheçam, deem ideias e as materializem, criando-se, a partir destes, comissões de desenvolvimento comunitário. São de acesso livre a todos os cidadãos, estando presentes igualmente técnicos de instituições locais.

Ações de formação

São sobretudo dirigidas a técnicos, visam a sua preparação para posterior intervenção no terreno, dentro das quais destacamos a formação «Agente Anti-Rumores», ministrada pela SOS Racismo, que visa a desconstrução de estereó-

tipos existentes, tais como o facto de todos os imigrantes serem ruidosos e roubarem o trabalho aos nativos, além da luta contra possíveis efeitos nefastos da convivência sem mediação, que poderão passar pela excessiva folclorização das relações sociais em que nativos passam a ver quem chega como desiguais devido às roupas que usam, aos estilos musicais que ouvem ou à forma como vivem, tomando a parte pelo todo. Enfatiza-se aqui que as relações têm que ser baseadas na equidade, no respeito pelas diferenças, procurando mais o comum do que, propriamente, o realçar da diferença.

Reuniões com as *Asociaciones Vecinales* [Associações de Vizinhos]

Constituem-se como estruturas frequentadas por cidadãos e instituições que visam o impulsionar de cada bairro através do aproveitamento das mais valias que podem ser aportadas por cada cidadão, tais como o facto de um indivíduo ser, por exemplo, perito em fotografia, utilizando esse conhecimento para melhorar o bairro através da organização de exposições fotográficas de alguns momentos ocorridos em ruas locais. A principal abordagem no período em que desenvolvemos esta investigação foi relativa à dinamização de uma horta comunitária impulsionada pela *Asociación Vecinal Cuatro Caminos – Tetuán*.

Realização de Mesas de Emprego

Visam a reunião no mesmo espaço de todas as organizações que trabalham a temática do emprego no Distrito para estruturar formas de atuação conjunta das quais se destacam cursos de formação com vista à integração no mercado de trabalho dos cidadãos residentes e o detetar das principais necessidades existentes ao nível do mercado de trabalho no local.

Aulas de espanhol

São de acesso livre a todos os cidadãos residentes ou não no bairro e que queiram dominar o idioma.

Contacto com imigrantes

Concretiza-se através da comparência nos locais frequentados pela generalidade dos cidadãos e com presença mais assídua nos mesmos, tais como restaurantes sul americanos (dominicanos e equatorianos) e filipinos.

Aproveitámos a nossa presença nestas atividades para (re) organizar gradualmente os objetivos do estudo, fixando-nos em determinados momentos e frases referidas pelos sujeitos que nos davam pistas sobre os caminhos a prosseguir. Para tal, recorreremos a pessoas com conhecimento do terreno, tanto técnicos como cidadãos, com o intuito de irmos recolhendo informações sobre as

caraterísticas do objeto de estudo. Deste modo, fixámo-nos sobretudo sobre os estereótipos existentes em relação à comunidade dominicana, no sentimento de pertença ao bairro e na convivência entre espanhóis e imigrantes, registando algumas frases referidas por habitantes locais, que fomos ouvindo ao longo das atividades atrás mencionadas:

Vivo neste Distrito há mais de uma década, conheço muita gente e dou-me muito bem aqui, mas não gosto que os meus filhos vão brincar às praças onde mais estão os dominicanos, fazem muito barulho e são perigosos (Olga, imigrante colombiana nacionalizada espanhola, residente no bairro de Berruguete).

Dentro dos sul americanos são uma ilha, têm caraterísticas próprias que se destacam de todo o continente e criam uma ilha também aqui no Distrito de Tetuán (Regina, imigrante peruana residente no Distrito).

A urbanização atual influi na convivência (Carlos, nativo do Distrito, frequentador da Asociación Vecinal Cuatro Caminos- Tetuán).

Quando estamos casados com espanhóis é mais fácil a convivência com eles e a formação de grupos em que estamos todos (Maria, imigrante colombiana).

A comunidade dominicana, sendo distinta das demais, sente-se muito identificada com o bairro, sente-se de Tetuán. Muitos desses habitantes já são espanhóis por naturalização (César Rodríguez, mediador intercultural de La Rueca).

Retivemos desta observação participante, nas áreas atrás referidas, e dos relatos apontados, algumas conclusões das quais destacamos a existência de várias instituições que trabalham direta ou indiretamente com a população imigrante residente no Distrito: a preocupação pela participação dos cidadãos na tomada de decisões; a presença de vários cidadãos fora da esfera técnica com a intenção de contribuir para a melhoria e desenvolvimento local; o papel relevante das *Asociaciones Vecinales* na estruturação, organização e mobilização das pessoas; a ausência relativa da população imigrante nas ações, mas, dentro dela, maior frequência dos que já vivem há algum tempo no Distrito, alguns desses trabalhadores ou voluntários em associações locais de apoio aos imigrantes, sendo a presença dos chegados há pouco tempo quase inexistente; a visão negativa da população imigrante relativa à comunidade dominicana residente no Distrito, sobretudo no bairro de Bellas Vistas.

As vozes escutadas e aqui transcritas dos imigrantes que habitam em Tetuán denotam que, no geral, as pessoas se sentem bem no Distrito, havendo, de acordo com os relatos, uma aparente convivência sã sempre que há, por exemplo, uma relação familiar entre os indivíduos. Maria, por exemplo, citada anteriormente, é casada com um espanhol e, por isso, considera-se mais integrada a

partir do momento em que constrói com mais facilidade relações sociais com a população nativa. Há, contudo, determinados indivíduos que são aparentemente excluídos por todos em função da sua nacionalidade, destacando-se aqui a comunidade dominicana, que, não obstante, se sente identificada com o Distrito de Tetuán. As crianças dominicanas brincam em praças específicas e frequentam ruas concretas que são evitadas pelos restantes habitantes, que as consideram perigosas, tal como refere Olga, a imigrante colombiana citada anteriormente. Não há aqui inclusão nem adaptação em relação aos nativos nem a cidadãos de outras nacionalidades, sendo que a população dominicana cria uma ilha dentro do próprio Distrito, havendo ruas, de acordo com César Rodríguez, habitadas quase exclusivamente por estes. Muitos já são espanhóis, filhos de imigrantes, influenciando este fator nas estatísticas, que apontam os filipinos como a população estrangeira mais predominante no Distrito. Como foi referido anteriormente, «tolerar não basta» (Vieira, 2011; Vieira, R. e Vieira, A., 2016), faltando, de acordo com as vozes citadas, o reconhecimento da diferença para que se crie uma «base mínima de convivência». Observa-se que há um sentimento de bem-estar no Distrito, mas a partir de pressupostos diferentes, uma vez que uns convivem entre si em atividades concretas e outros, os dominicanos, têm um sentimento de pertença ao local, a partir do seu isolamento em relação às restantes comunidades. O forte movimento associativo existente não se reflete no interesse dos imigrantes pelo mesmo. No tomar de decisões, nomeadamente nas referidas *Asociaciones Vecinales*, participam pouco.

Culturas Unidas

Havendo uma grande quantidade de associações em torno das questões imigrantes, resolvemos centrar-nos, essencialmente, na Associação Culturas Unidas, centrada na Calle Doctor Piga, praticamente no centro do bairro de Lavapies, essencialmente pelo caráter prático das atividades desenvolvidas e pela natureza voluntária da maioria dos seus membros. A impressão inicial que tivemos de Culturas Unidas é de que era uma associação pequena, sendo que rapidamente mudámos de opinião, passando a vê-la como um caldeirão de culturas em potência.

Destacamos, de seguida, como atividades em que participámos ou observámos de forma mais ou menos participante, as seguintes:

Feiras de artesanato

Aos domingos reúnem-se num espaço próximo de Culturas Unidas, na Calle Embajadores, um conjunto de mulheres imigrantes. São essencialmente pessoas

que há pouco tempo estavam no desemprego, grande parte do tempo em casa e pouco convictas que poderiam inverter a sua situação, até pela sua situação de imigrantes e em alguns casos pela idade, muitas vezes acima dos 45 anos. Houve com elas um trabalho importante de potenciação das suas capacidades que culminou no desenvolvimento de trabalhos de artesanato mostrados ao público. Mais do que a potenciação e motivação acrescida, destacamos também a sua capacidade em se organizarem num coletivo, semanalmente, organização que tem tendência a crescer porque vai havendo cada vez mais pessoas interessadas em pertencer ao grupo.

Bancos de Alimentos

É uma atividade quinzenal que decorre na sede de Culturas Unidas. Tem financiamento público, dirige-se à população carenciada da zona e conta com a participação de voluntários ligados à associação que vão recolhendo e organizando os alimentos para mais tarde distribuírem a algumas dezenas de pessoas.

Aulas de espanhol

Estas aulas são semanais e dirigem-se a todos os tipos de público. Nas aulas em que participámos, estiveram presentes essencialmente mulheres do Bangladesh, com períodos distintos de residência em Espanha. Contam com a participação de pessoas voluntárias que sabem espanhol e revelou-se-nos uma experiência interessante a partir do momento em que, para além da aprendizagem de um idioma, se geravam interações entre culturas. Além disso, nestas aulas, é também transmitida informação sobre a cultura espanhola em si.

Workshops e aulas para crianças e jovens

Há um repertório grande de atividades lúdicas dirigidas a crianças e jovens imigrantes, praticamente diárias no espaço da associação, organizando-se, durante os fins de semana, visitas culturais a vários espaços da cidade.

Realçamos a nossa participação na associação, a confiança que nos foi oferecida, além do acolhimento desde o primeiro momento. Numa primeira fase, a nossa presença gerou alguma desconfiança, principalmente nas aulas de espanhol, uma vez que nos foi solicitado que não fôssemos, simplesmente, um observador não participante, mas, sim, que integrássemos e participássemos ativamente nas sessões. É de sublinhar, ainda, que apesar de haver uma diversidade cultural de forte densidade, onde as pessoas têm formas de pensar notoriamente distintas, tal não se reflete na hora de desenvolver atividades conjuntas, havendo a capacidade de organização conjunta face a um objetivo comum, acordado entre todos, normalmente a concretização das atividades propostas. Culturas Unidas

tem apenas 3 técnicos remunerados, mas, paralelamente, uma grande capacidade de angariar voluntários.

Sublinhamos, de seguida, algumas frases referidas pelos diversos agentes sociais, os «portadores da multiculturalidade» (Barrero, 2004, p. 13) ao longo deste percurso investigativo no bairro:

Isto daqui a 10 anos vão ser só alemães e ingleses a viver aqui (Pablo, espanhol membro de Culturas Unidas).

Nós aqui somos todos imigrantes, tu agora és mais um connosco (Paola, argentina membra de Culturas Unidas).

Estávamos em casa desmotivadas e Culturas Unidas fez-nos ver que temos valor. Agora organizamo-nos para vender os nossos produtos, que somos nós próprias que fazemos (Rosa, artesã argentina).

Vemos aqui todo o tipo de gente. Às vezes vejo aqui gente a passar com roupa esquisita, respeito, mas não me aproximo. (Imigrante do Bangladesh residente no bairro).

Os diferentes relatos apresentados apontam para a valorização por parte de Culturas Unidas de cada cultura e do que cada uma delas nos pode trazer a partir do momento em que a aceitemos como sendo iguais em direitos ainda que diferentes em algumas ideias e na indumentária. A frase de Paola reflete isso mesmo. Reflete que, independentemente da nacionalidade, quem chegue e queira colaborar na instituição é mais um, remetendo-nos isto para a noção de mente multicultural, reproduzida por Barrero (2004). Wieviorka (1997) refere que «para que as sociedades possam ser multiculturais têm que existir pessoas multiculturais para que as culturas se possam aproximar». Verifico nestes extratos uma ideia mais positiva sobre a relação entre culturas e a possibilidade de aproximação, não deixando de referir que as vozes indicadas são de pessoas que, de uma forma ou de outra, estão ligadas a Culturas Unidas e baseiam-se nas suas atividades. Grande parte deste pensamento provém da ideia de que se a educação for intercultural e se as atividades postas em marcha gerarem a participação de diferentes culturas, será mais fácil que, ao proporcionar o intercâmbio entre elas, se leve a um convívio entre todos. De acordo com Américo Peres (2016, p. 57),

ao trabalhar com a diversidade étnica e cultural, os mediadores sociopedagógicos, sejam eles professores, educadores sociais, psicólogos ou animadores socioculturais, não podem esquecer que os processos de encontro, acolhimento, relação, comunicação, interação e aprendizagem exigem descentração e aber-

tura ao outro como condição de afirmação do eu, contribuindo para a construção de uma sociedade educativa aberta à interculturalidade com igualdade de oportunidades e oportunidades para a igualdade para todas e todos.

É este o papel que tenta desempenhar a associação Culturas Unidas, partir da educação e do potencial que cada um tem para oferecer, para criar atividades destinadas a todos, sendo como que uma escola além da escola (Vieira, A. e Vieira, R., 2017). Há igualmente algum receio, expressado por Pablo, da perda da «essência» atual do bairro, em que predomina essa proximidade, alertando para as mudanças que se vão começar a fazer sentir, bem visíveis na entrevista realizada a Paola. A imigrante do Bangladesh **reflete**, ao enfatizar o respeito que tem por todos, a pouca vontade de os conhecer **melhor**, que existe aceitação de todas as culturas, ao contrário do que acontece com a comunidade dominicana em Tetuán.

4. DA MEDIAÇÃO INTERCULTURAL EM MADRID

Tetuán

Tetuán é um dos 21 Distritos de Madrid. Tornou-se parte de Madrid no século XIX, aquando da estratégia encontrada pela cidade para **alargar-se** face à chegada de migrantes internos [o *Plan Castro* foi um plano urbanístico surgido face à grande densidade populacional que começava a existir], especialmente do sul de Espanha e pelo fato de possuir boas reservas de água, numa altura em que se procurava garantir a sua chegada com qualidade aos habitantes da capital. Deve o seu nome à guerra entre Espanha e Marrocos em 1860, uma vez que as tropas espanholas vitoriosas se instalaram ali no final da mesma (Burgos, 2015).

É um Distrito grande, que une a rotunda de Cuatro Caminos e a Plaza de Castilla (zona empresarial de Madrid) através da Calle Bravo Murillo, uma rua com grande predominância de comércio. Ao longo do Distrito há seis bairros com características distintas, nomeadamente Bellas Vistas, Berruguete e Valdeacederas, à esquerda da Calle Bravo Murillo e Cuatro Caminos, Castillejos e Ventilla-Almenara à direita da mesma. De acordo com o Diagnóstico de Bellas Vistas (2016), coexistem «[...] a la izquierda casas bajas y humildes. A la derecha, el Madrid financiero, con sus torres KIO y el Estadio Santiago Bernabéu.»

No que diz respeito ao número de habitantes residentes no Distrito, este possuía, à data de 1 de janeiro de 2018, um total de 156470 habitantes. Quanto à população estrangeira residente, havia um total de 28243 pessoas, sendo nesta

altura o terceiro Distrito, a par com Villaverde, com maior percentagem de cidadãos estrangeiros, com 18,05%.

De acordo com o Padrón Municipal de Habitantes – Subdirección General de Estadística del Ayuntamiento de Madrid em www.madrid.es – são os filipinos (4316), os paraguaios (3253) e os dominicanos (2327) que mais marcam presença no Distrito de Tetuán no início de 2018. Há aqui a destacar a maior presença de pessoas que partilham o idioma espanhol, o que se traduz na existência de maiores possibilidades de comunicação e conseqüente adaptação ao meio, sendo que, no caso das Filipinas, se trata de uma ex-colónia espanhola. Além disso, os filipinos tomam a dianteira pelo facto, de acordo com relatos de profissionais de La Rueca, de muita população sul americana, nomeadamente os dominicanos, que sempre estiveram em maior número, terem já adquirido a nacionalidade espanhola, pelo que deixam de contar como estrangeiros. Instituições como La Rueca acabam por, através da sua intervenção, evitar a criação de zonas de conflito entre imigrantes e cidadãos originariamente concentrados em determinados bairros. De acordo com Barrero (2004, p.178-179), «estas zonas de conflicto sin una red de asociaciones que trabajen diariamente con los vecinos y los inmigrantes pueden llegar a ser simplemente una olla a presión que por cualquier motivo aparentemente inocente puede desencadenar disturbios urbanos incontrolables. En este caso se producen unos efectos de huída evidentes por parte de los ciudadanos que ocupaban la zona». Este autor (2004, p. 179) defende que «la lógica del proceso es clara: de un barrio originariamente ocupado por ciudadanos pertenecientes a los niveles socioeconómicos más bajos, se pasa a un barrio que tiene iguales problemas de marginación y de exclusión, pero que ha cambiado de origen nacional».

Teríamos assim, por exemplo, no caso de Tetuán, uma sobrerrepresentação de uma única nacionalidade no mesmo bairro, sendo que sem uma gestão eficaz da coexistência entre todos no local se geraria provavelmente a criação de bairros de imigrantes associados à deslocação da população local para outros polos. Cabe, assim, às ONG e às instituições públicas gerir os processos de acomodação de ambas as partes, dotando os cidadãos e os imigrantes de ferramentas que lhes atribuam autonomia para atuar na esfera pública – é esse o papel básico do gestor multicultural/intercultural.

Lavapiés

Lavapiés situa-se no bairro de Embajadores, no Distrito Centro, estando situado entre algumas das principais atrações da cidade de Madrid, tais como

Tirso de Molina, Rastro (Feira Semanal, que acontece aos domingos), o Museu Reina Sofia ou a Estação de Atocha. Há relatos que referem que se situava ali a antiga Judiaria de Madrid até à época de expulsão dos judeus em 1492, embora sem certezas. Neste caso defende-se que a origem do nome deriva do fato de haver no passado ali uma fonte em que se lavava os pés antes de entrar na sinagoga. Muitos consideram que o seu nome advém das palavras Lava com Pés, devido ao fato de o Rastro, muito perto dali, ser o palco em que o sangue dos animais abatidos pela caça escorria até às margens do Rio Manzanares, que atravessa a cidade.

Manteve-se como um bairro tradicional de Madrid até meados da década de 1970, época em que houve um fluxo de gente jovem que chegou ao bairro devido aos preços baratos dos apartamentos e casas ali existentes, além da localização central dentro de Madrid. Houve uma reconfiguração identitária de idosos que ali estiveram toda a vida, que se foi fazendo notar à medida que estrangeiros de diferentes nacionalidades chegavam à cidade, afetando as relações sociais no bairro (Osorio, 2016).

Foi-se construindo ao longo do tempo uma consciência social muito forte no bairro de Lavapiés, criando-se um conjunto de associações interventivas e formando uma forte consciência social e bairrista que acabou por gerar vários projetos sociais e comunitários. Nos inícios do século XXI, o bairro sofreu ainda mais mudanças na sua estrutura com a chegada massiva de imigrantes, que hoje partilham as ruas com os nativos espanhóis. A diversidade cultural surgiu num fenómeno sem precedentes na cidade. O ano novo chinês e o Ramadão são celebrados sem que, por exemplo, as festas de San Lorenzo [celebram-se no dia 10 de agosto em torno da praça central e das ruas circundantes de Lavapiés, com um desfile de trajes castiços, tradicionais de Madrid] tenham perdido a sua importância, continuando aliás a ser as mais celebradas em todo o bairro.

No que diz respeito à população, de acordo com o Padrón Municipal de Habitantes – Subdirección General de Estadística del Ayuntamiento de Madrid em www.madrid.es – o Distrito Centro é, em toda a cidade de Madrid, o que comporta uma maior percentagem de população estrangeira, destacando-se o bairro de Embajadores, com um total de 25,24%, sobressaindo a comunidade do Bangladesh, com 2640 residentes.

A instituição Culturas Unidas tem, dentro desta diversidade cultural, como principal desafio, a gestão das várias culturas existentes no bairro, de forma a dar um sentido coerente às atividades que realiza, potenciando as diferenças como forma de enriquecimento cultural e não o seu contrário. Pretende-se, nesta instituição, mais do que uma adequada gestão da coexistência, uma real gestão da convivência a partir das ações que ali se geram.

5. VOZES QUE PENSAM E NOS FAZEM PENSAR: EM BUSCA DO ENTENDIMENTO DOS SUJEITOS IMPLICADOS NO ESTUDO

Face aos dados recolhidos e apresentados anteriormente, realizámos um total de 3 entrevistas a pessoas que, ao nível profissional ou pessoal fazem parte dos Distritos de Tetuán e do bairro de Lavapiés, desenvolvendo ali práticas diversas e interagindo com a população ali residente. São três mulheres, duas do bairro de Lavapiés e uma de Tetuán. As nacionalidades eram distintas, no caso, espanhola, argentina e italiana. Duas das entrevistadas fizeram-no na condição de profissionais nas instituições que acompanhámos e uma na condição de residente em Lavapiés. Tratando-se, como referido anteriormente, **um estudo** de natureza etnográfica, foi priorizado o conteúdo em detrimento do número de pessoas entrevistadas.

As próximas linhas atestam as principais frases de cada uma delas, ideias que ajudaram à construção das conclusões deste estudo:

Raquel Tovar

Assim, a primeira entrevista teve a característica especial de ter sido realizada junto com uma pessoa que, além de trabalhar em Tetuán, em La Rueda, vive também no local, possibilitando-lhe uma dupla visão do mesmo. É coordenadora da *Oficina Municipal de Información y Orientación para la Integración Social de Población Inmigrante*, permitindo-lhe esta qualidade ter uma visão mais integral sobre a vida ali a partir dos relatos da diversa população imigrante que visita o seu local de trabalho diariamente.

Soy un 2 en 1, soy profesional y vecina.

Tetuán es un sitio donde la gente vive en la calle, eso no lo ves en otros barrios de Madrid. Conviven en una acerita chiquitita, en un banco, donde sea.

Si no los hay creados, los crean ellos mismos. (sobre a criação de espaços para criação de relações de convivência).

Hay una plaza aquí que tienes en un banco los marroquis, en otro los dominicanos, los paraguayos, sin que haya contacto directo.

Cuántos extranjeros hay en tu clase? No sé, somos todos niños, contesta el hijo» [sobre a visão das crianças sobre a nacionalidade].

Trabajo aqui en el barrio hace 7 años y vivo hace 13, era vecina antes de ser profesional. Vine porque tenía la familia cerca y era un barrio económico.

Me gustaba el ambiente y la multiculturalidad que había en las calles ya en aquella época.

Las cosas se han endurecido, el ambiente es más violento, sobretodo en algunas calles.

Los media señalan que un marroqui o un dominicano ha asesinado a alguien, cuando es un español no dicen que es un español.

La Rueca es una de organizaciones que trabajó de manera pionera en tema de migración en Madrid, muchos de los proyectos que se iniciaran como proyectos propios luego han sido dispositivos públicos, por parte de la Comunidad de Madrid.

Tetuán es una población envejecida y partimos de que todo el trabajo intergeneracional es muy difícil, además tratándose de diferentes nacionalidades.

Muchos de los inmigrantes llegan en edad joven y los mayores tienen determinados prejuicios, determinados estereotipos y no facilitan, no es igual una persona joven, con determinadas ideas, otras experiencias y una persona mayor

Un inmigrante en relación directa con un anciano, una relación de trabajo, es la mejor manera de romper prejuicios.

La creación de espacios de convivencia ayuda a romper prejuicios, cuando convivimos nos conocemos mejor, pero debemos ir allá de los chavalines que juegan futbol o están sentados en la calle.

Tetuán es rico en la mezcla de culturas que tiene pero no entran en relación entre ellas.

Determinadas comunidades pasan más desapercibidas, por ejemplo, un ecuatoriano puede pasar perfectamente por español, pero un dominicano o un chino, por el color de piel, una persona de color te va a llamar más la atención.

La relación entre españoles y inmigrantes se va normalizando poco a poco, por efecto de la renovación generacional y una gran parte de la normalización son los colegios.

Muchos tienen propuestas interesantes pero actúan aisladamente, presentan los mismos proyectos y no se coordinan.

Chiara Orrico

A segunda entrevista foi feita a uma jovem que não tem relação institucional com o bairro de Lavapiés mas vive ali desde que chegou a Madrid, fazendo grande parte da sua vida diária pela zona. Realizou-se num café do bairro.

Vejo Lavapiés como um bairro muito bonito desde que cheguei, tem de tudo, supermercados, farmácias, lojas, há gente nas ruas a qualquer hora do dia e da noite, e, ao contrário do que muitos dizem, é seguro.

Há muitos grupos, de africanos, América do Sul, isso não se nota tanto entre europeus, que estão mais juntos.

Vim porque tinha uma amiga que vivia aqui, não sabia nada do bairro e me fiquei porque tenho tudo o que preciso.

Vejo mais os estrangeiros, inclusive os que trabalham nas lojas são quase todos estrangeiros

Os espanhóis costumam estar em grupos de espanhóis e muitas vezes não é fácil criar uma relação com eles.

Caminham com os netos por ali, saúdam as pessoas mas nada mais (sobre os espanhóis mais velhos residentes no bairro).

Se ficará sempre um bairro multicultural, que te acolhe bem, mas espero que façam obras para manter os edifícios. As novas famílias espanholas vão mudar aqui, porque está bem comunicado» [sobre o futuro do bairro].

Paola Massa

Paola é argentina e veio para Espanha há quase duas décadas, tendo feito grande parte da sua vida em Madrid. Trabalha em Lavapiés, há alguns anos, em Culturas Unidas, passando por ali diariamente vários habitantes do bairro, especialmente crianças e jovens imigrantes.

Conozco este bairro há 18 anos e a primeira vez que vim era completamente diferente, a população era mais árabe, se lo tinha como complicado, havia delinquência, não se sabia que passava.

Sempre me chamou a atenção o pintoresco de Lavapiés, o facto de ser multicultural.

Empecé como voluntária e me chamou a atenção sobre todos os filhos que tínhamos na infância, que eram de Bangladesh, diferentes socialmente dos árabes. Agora há de tudo, aunque se está metiendo otro tipo de personas, los del turismo [sobre o processo de chegada a Culturas Unidas].

Agora tudo está mais amplo, antes a rua Argumosa estava cheia de chiringuitos, agora está tudo mezclado, pero apunta a que vaya a ser un barrio donde las generaciones modernas van a venir, más hipster. Se ficará a esencia pero com uma pincelada hipster.

Al lado de una frutería tradicional bangla es natural que se encuentre un bar gourmet, los turistas buscan esto.

Lo que hay ahora mismo aquí es mucho turismo, las casas de las personas que vivieran aquí toda la vida van siendo compradas por empresas que hacen obras y los transforman en negocios con intereses.

Van yendo para otras zonas, porque los propietarios de las casas quieren cambiar el barrio y ganar dinero con él (sobre los inmigrantes residentes actualmente no bairro).

Queremos recibir todas las ideas desde que sean concretizables a través de los recursos existentes. Al contrario de otros centros son los voluntarios que traen las ideas, no es Culturas Unidas quien las impone.

Estimula la participación, hacer cosas, el hecho de que cualquier persona tiene potencial. (idem).

En las calles las personas se dividen en grupos, nacionalidades, apenas saludan los otros, pero tampoco hay un conflicto abierto, declarado.

Es una ventaja ser argentina o, concretamente, no ser española, porque si fuese habría más distancia e más resistencia por parte de los inmigrantes.

La relación entre españoles e inmigrantes es pacífica pero también nula, aunque no entren en conflicto.

Un español establece una especie de ranking. No hay problemas por ser argentina porque, a pesar de todo, no hay tanta diferencia cultural.

Lavapiés tendrá en el futuro el mismo toque de multiculturalidad pero con otro nivel, con una modernización de los negocios y de las casas.

NOTAS CONCLUSIVAS

As mudanças globais vão conduzindo à estruturação de novas identidades num mundo multicultural em que, no cruzamento de culturas, a mudança é efetiva em qualquer uma delas. Os conceitos de identidades compósitas (Maalouf, 2000) ou em gerúndio (Vieira, 2009) são a expressão dessa mesma pluralidade que faz com que não tenhamos nem possamos ter uma única identidade ao longo da vida, uma vez que cada um de nós é o espelho de todas as nossas experiências e da forma como as vivenciamos e interligamos.

Os diferentes bairros de uma cidade têm ciclos, modificando-se de acordo com aspetos políticos ou através de uma maior ou menor aposta neles, por exemplo, como promotores do turismo. A multiculturalidade de Lavapiés, por exemplo, tornou-se um fenómeno de moda que atrai hoje uma quantidade considerável de turistas às suas ruas. Tratando-se de um estudo de natureza etnográfica,

optámos pela realização de 3 entrevistas intensivas e de natureza etnobiográfica (Vieira, 2009), 3 casos diferentes de pessoas que, cada uma à sua maneira, numa vertente mais pessoal, profissional ou as duas, têm um conhecimento profundo das realidades investigadas. A concretização das mesmas foi como um culminar da investigação que foi sendo dirigida ao longo dos meses, visando, através do guião das questões realizadas, ir ao encontro dos objetivos traçados.

Respondendo à pergunta de partida inicialmente colocada, podemos referir que, em função das observações feitas ao longo do tempo, a intervenção social das duas ONG estudadas conduz a uma interculturalidade em pequena escala, uma vez que é claro que existe convivência intercultural dentro das atividades que as ONG estudadas realizam, participando nelas um número superior de pessoas relativamente às que frequentavam à data da sua fundação, mas, ainda assim, nota-se que o que se passa nas ruas é diferente. Existe, sim, coexistência, os conflitos são escassos, mas não há, efetivamente, lugar para a convivência, juntando-se os indivíduos em grupos de acordo com a sua nacionalidade. Coexistem no mesmo espaço mas não se relacionam entre eles. Há, no entanto, que assinalar que a chegada dos imigrantes aos locais estudados produziu alterações no estilo de vida dos ali residentes, que hoje em dia compram fruta em lojas de imigrantes do Bangladesh, por exemplo, como é o caso de Lavapiés. Ainda assim, não passa de uma convivência particular e de interesse comercial que não é extravasada para outros níveis da esfera pública.

Concluimos, assim, que o papel da mediação sociocultural e intercultural realizado pelas instituições é fundamental para a criação gradual de uma interculturalidade a larga escala uma vez que foi a ação destas que abriu alguns caminhos. Locais como a escola têm um papel fundamental na construção da interculturalidade, nos próximos anos, já que a possibilidade de convivência se pode gerar nos encontros de pais ou nas aulas frequentadas por alunos de várias nacionalidades. Nas ruas, por exemplo nos mercados, verifica-se uma convivência não assumida e vivida, na medida em que se cruzam várias culturas no mesmo espaço, proporcionando-se contacto de alguma proximidade mais física que social e cultural.

Existe convivência quando se organizam atividades que propiciem a relação mas não é uma relação espontânea. Trata-se de uma relação criada na organização mas que desaparece a partir do momento em que os indivíduos estão na rua. Aí predomina a coexistência cultural mas não mais do que isso. Alan Touraine refere que «nós já vivemos juntos» (1998, p. 13) – Lavapiés e Tetuán são exemplos disso – vive-se mas não se convive, ainda que as identidades se transformem no caso das pessoas que entram em relação com cidadãos espanhóis (Vieira, Margarido e Marques, 2013).

A convivência entre grupos é ainda difícil, sendo, no entanto, comum a existência de grupos com dimensões consideráveis que se baseiam concretamente na nacionalidade ou, quando muito, na proximidade cultural, por exemplo através do idioma. Contudo, e no que diz respeito à relação da população espanhola, nomeadamente de Madrid, com os imigrantes, esta é tanto mais próxima quanto maiores são os laços culturais existentes, embora os preconceitos que existem em relação a determinados extratos populacionais levem a alguma distância – além da proximidade cultural estão também em causa as condições económicas: um indivíduo proveniente de um país em que se fale espanhol ou um idioma semelhante (português ou italiano, por exemplo) e em que o Estado a que pertence tenha à partida mais capital (Argentina, Chile, entre outros) poderá ter uma integração na vida social mais rápida do que outros.

As semelhanças físicas são outro dos fatores fundamentais que ajudam à maior proximidade, uma vez que há pessoas que não transparecem ser espanholas pelo seu aspeto físico. Há, assim, uma hierarquização inconsciente no que diz respeito às relações sociais da população espanhola com outras. Não quer isto dizer que haja um clima de hostilidade, uma vez que nas entrevistas realizadas, além dos restantes indivíduos com os quais foi estabelecido contacto, os imigrantes encontram em Madrid um bom espaço para viver mas a convivência tende a ser mais fácil entre aqueles que aparentemente são iguais.

É, portanto, notória a constituição de grupos que acabam por não se cruzar, ainda que residindo em espaços próximos. As instituições estudadas, assim como outras no terreno, dão igualmente um contributo importante na promoção do interconhecimento e da aprendizagem mútua, realizando atividades em que se estimula o encontro entre diferentes, mas falta assumidamente uma congregação de esforços para se construir caminhos para a interculturalidade.

A multiculturalidade já existe, ela é um facto social (Vieira, 2011). Falta sair das ilhas culturais para interagir e falar ao outro (Vieira, R. e Vieira, A., 2016). Apesar de haver ainda um largo caminho a percorrer no reconhecimento das diferenças, na convivência entre todos e na identificação da mudança como fator de transformação constante das identidades, há já alguns sinais positivos que levam a que possamos acreditar num futuro mais condizente com a gradual transformação de um mundo multicultural num mundo intercultural. Para isso muito tem contribuído a mediação intercultural e a intervenção social das ONG estudadas (Vieira, R. e Vieira, A., 2017).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRERO, R. (2004). *Multiculturalidad e Inmigración*. Madrid: Editorial Síntesis, S.A.
- BURGOS, B. (2015). *Tetuán*. Madrid: Tempora.
- GIMÉNEZ, C. (2001). Convivencia. Conceptualización y sugerencia para la praxis. In *Revista Educación y futuro: Revista de Investigación Aplicada y Experiencias Educativas*, n.º8. Editorial CES Don Bosco Edebe, 9-26.
- JARES, X. (2007b). *Pedagogia da convivência*. Porto: Profedições.
- LA RUECA (2016). *Diagnóstico de Bellas Vistas*. Servicio de Convivencia Intercultural en Barrios.
- LAHIRE, B. (2004). *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed.
- MAALOUF, A. (2000). *Violence and need to belong – in the name of identity*. New York: Penguin Books.
- OBSERVATÓRIO de Inmigración de Madrid*, 2016. Disponível em: <https://www.comunidad.madrid/servicios/asuntos-sociales/observatorio-inmigracion-centro-estudios-datos>.
- OS NOVOS Europeus, Suplemento. *National Geographic Portugal*, outubro de 2016, pp. 1-29.
- OSORIO, C. (2016). *Lavapiés y el Rastro*. Madrid: Tempora.
- PERES, A. (1999). *Educação Intercultural – Utopia ou realidade? Processos de pensamento dos professores face à diversidade cultural: integração de minorias na escola*. Porto: Profedições.
- PERES, A. (2016). Educação intercultural e mediação sociopedagógica. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira e C. Margarido (orgs.). *Pedagogias de mediação intercultural e intervenção social* (pp. 57-72). Porto: Edições Afrontamento.
- POBLACIÓN por Distrito y Barrio según nacionalidad – Padrón Municipal de Habitantes*. Subdirección General de Estadística del Ayuntamiento de Madrid. Disponível em: www.madrid.es.
- POBLACIÓN por país de nacionalidad según Distrito y Barrio de Residencia – Padrón Municipal de Habitantes*. Subdirección General de Estadística del Ayuntamiento de Madrid. Disponível em: www.madrid.es.
- TOURAINÉ, A. (1998). *Iguais e diferentes: poderemos viver juntos?* Lisboa: Instituto Piaget.
- VIEIRA, A. e VIEIRA, R. (2016). *Pedagogia Social, mediação intercultural e (trans) formações*. Porto: Profedições.
- VIEIRA, A. e VIEIRA, R. (2017). Mediações socioculturais em territórios educativos. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira e C. Margarido (orgs.) (2017). *Conceções e Práticas de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 29-56). Porto: Edições Afrontamento.
- VIEIRA, R. (1999). Encruzilhadas da identidade. *A Página da Educação*, n.º 8.
- VIEIRA, R. (2009). *Identidades pessoais – Interações, campos de possibilidade e metamorfoses culturais*. Lisboa: Edições Colibri.

- VIEIRA, R. (2011). *Educação e diversidade cultural: notas de Antropologia da Educação*. Porto: Edições Afrontamento e Leiria: CIID-IPL.
- VIEIRA, R. (2014). Life stories, cultural métissage, and personal identities. *Sage*, disponível em <http://sgo.sagepub.com/content/4/1/2158244013517241>.
- VIEIRA, R. e VIEIRA A. (2017). Construindo pontes e travessias: das mediações sociais à mediação intercultural. *Medi@ções*, Revista Online da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, pp. 44-56. Disponível em: <http://mediacoes.esse.ips.pt/index.php/mediacoesonline>
- VIEIRA, R. e VIEIRA, A. (2016). Mediações Socioculturais: conceitos e contextos. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira e C. Margarido (orgs.). *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 27-55). Porto: Afrontamento.
- VIEIRA, R.; MARGARIDO, C; MARQUES, J. (2013). *Partir, chegar, voltar... Reconfigurações identitárias de brasileiros em Portugal*. Leiria: Edições Afrontamento.
- VIEIRA, R.; MARQUES, J.; SILVA, P.; VIEIRA, A. E MARGARIDO, C. (2017) (orgs.). *Conceções e Práticas de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento.
- VIEIRA, R.; MARQUES, J.; SILVA, P.; VIEIRA, A. E MARGARIDO, C. (2018) (orgs.). *Da Mediação Intercultural à Mediação Comunitária: estar dentro e estar fora para mediar e intervir*. Porto: Afrontamento.
- WIEVIORKA, M. (1997). (ed.) *Une société fragmentée? Le multiculturalism en débat*. Paris: La Découverte.